A escrita feminina na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*

Female writing in the collection *Onze em campo e um banco de primeira*

RESUMO: O presente estudo se concentra em analisar, formas da resistência na coletânea: *Onze em campo e um banco de primeira*, publicado em 1998. Neste estudo observamos como as escritoras brasileiras construíram suas leituras da realidade política, social e cultural brasileira sob as lentes femininas do futebol. A obra apresenta o olhar, de 13 escritores e três escritoras, sobre a temática do futebol, com textos que vão muito além das quatro linhas, pois expressam os efeitos do fim do regime ditatorial na sociedade brasileira, além das questões sobre a política, cultura e as paixões envoltas ao futebol. Nos deteremos a analisar os contos: "Aguenta coração", de Hilda Hilst, "Escanteio", de Anna Maria Martins e "Que horas são?", de Edla Van Steen, em busca de compreender como o tema do futebol será narrado para expressar várias outras formas de resistência ao autoritarismo social e de resistências em suas escritas, e como as autoras constroem significações e resistências em um campo temático, no qual as mulheres ainda têm sido alijadas e subalternizadas, nesse sentido, trataremos também da recuperação do debate sobre a proibição do futebol feminino em 1941, como resultado da expansão da participação de mulheres no esporte, evidenciado nos jornais, por conta da realização das primeiras partidas no estado de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita feminina; Futebol feminino; Autoritarismo; Resistência; Jornais.

ABSTRACT: The present study analyzes forms of resistance in the collection: *Onze em campo e um banco de primeira*, published in 1998. In this study, we observe how Brazilian writers constructed their readings of Brazilian political, social, and cultural reality under the feminine lens of soccer. The work presents the perspective of thirteen writers and three women writers on the subject of football, with texts that go far beyond the four lines, as they express the effects of the end of the dictatorial regime on Brazilian society, in addition to questions about politics, culture and the passions surrounding football. We will stop to analyze the short stories: "Aguenta coração", by Hilda Hilst; "Escanteio", by Anna Maria Martins; and "Que horas são?", by Edla Van Steen, in search of understanding how the theme of football will be narrated to express various other forms of resistance to social authoritarianism and resistance in their writings, and how the authors construct meanings and resistance in a field theme, in which women have still been sidelined and subordinated, in this sense, we will also deal with the recovery of the debate about the prohibition of women's football in 1941, as a result of the expansion of women's participation in sport, evidenced in the newspapers, due to the of the first matches in the state of São Paulo.

KEYWORDS: Feminine writing; Women's football; Authoritarianism; Resistance; Newspapers.

eISSN: 2526-4494
DOI: 10.35699/2526-4494.2024.49230

SEM SALTO ALTO

Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma.
A bola é a mesma: forma sacra
para craques e pernas de pau.

Carlos Drummond de Andrade.[1]

O poema de Carlos Drummond de Andrade, presente no livro *Quando é dia de futebol*, nos mostra que o futebol, como todo e qualquer esporte precisa ser entendido em sua pluralidade, já que é para todas e todos, pois "se joga na alma", sem diferença de cor, credo, sexo ou sexualidade. Apesar de ser constante o alijamento de pessoas e a construção de preconceitos, principalmente quando se trata da presença da mulher no futebol.

Neste estudo, observamos alguns aspectos da escrita feminina, na coletânea *Onze em campo e um banco de primeira*, organizado por Flávio Moreira da Costa, em 1998, o qual convida 13 escritores e três escritoras, para expor seus olhares sobre a temática do futebol. Tais textos se posicionam, para além das quatro linhas, ao narrarem as experiências do futebol, o alento e o desalento de atletas, familiares e da sociedade, além dos efeitos do esporte na vida daquelas pessoas. Podemos dizer, que no geral, esses textos filtram alguns reflexos do regime ditatorial (1964-1985), além de outras experiências de autoritarismo e violência vividas anteriormente, quando o futebol deixa as mulheres de escanteio, simulando o nascimento e o fim do futebol feminino ou mostrando como a mulher sofrem quando escolhe tomar um lugar no futebol, ambiente que não as aceita ou apenas as admite.

Dos 16 contos publicados, nos informa Flávio Moreira da Costa, 11 deles já constavam na coletânea *Onze em campo*, publicada em 1986, naquela coletânea houve a colaboração de Edla Van Steen, mas não fica claro qual a natureza da colaboração. O livro contou com dois contos escritos por mulheres: "Escanteio", de Anna Maria Martins; e "Que horas são?", de Edla Van Steen. Optamos por analisar a

[1] ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 9.

coletânea de 1998, por conta do acréscimo do texto "Aguenta coração", de Hilda Hilst, que para mim, subverte a forma e o tema, com uma linguagem erótica e política sobre sua realidade. O conto de Hilst é o único escrito exclusivamente para a coletânea. O livro ainda possui mais quatro textos incluídos nesta nova edição, são eles: "Já podeis da pátria filho", de João Ubaldo Ribeiro; "O Esperança Futebol Clube", de Orígenes Lessa; "Pênalti!", de Marcos Rey; e "Corinthians (2) vs. Palestra (1)", de Antônio Alcântara Machado. Da edição de 1986, também encontramos mais nove textos: "Lucrécia", de Duílio Gomes; "Abril no rio 1970", de Rubem Fonseca; "Na boca do Túnel", de Sérgio Sant'Anna; "Juiz", de João Antônio; "A solidão do goleiro", de Flávio Moreira Costa; "Escapando com a bola", de Luiz Vilela; "Vadico", de Edilberto Coutinho; "Casados x Solteiros", de Ricardo Ramos; e "O rei da superstição", de Carlos Eduardo Novaes.

No artigo, procuramos fazer uma análise dos textos, mas também das estratégias de silenciamento da presença feminina no futebol, em esferas como o esporte, com a proibição de mulheres na prática do jogo, seja na escrita feminina sobre o futebol, que podemos ver na coletânea, que ainda possui pouca representatividade. Veremos a seguir como se deu a proibição do futebol feminino, as polêmicas sobre a fragilidade do corpo feminino e a empolgação produzida na sociedade, com a primeira partida de futebol feminino em São Paulo.

ESCÂNDALO! PROIBIDAS DE JOGAR FUTEBOL

> Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.[2]

O decreto-lei 3.199, que cria o Conselho Nacional do Desporto, proíbe as mulheres da prática do futebol, no artigo 54. A lei foi promulgada na ditadura de Getúlio Vargas, em 14 de abril de 1941, e acirra a polêmica sobre a presença feminina no futebol. Fica claro que desde o Estado Novo, o tema tem sido muito discutido, principalmente depois da realização da primeira partida de futebol feminino no

[2] BRASIL, Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, s/p.

estado de São Paulo, ocorrida em 17 de maio de 1940, no estádio do Pacaembu, como preliminar do confronto entre São Paulo e Flamengo, um amistoso de futebol masculino como preparação do time paulista que recebeu o campeão estadual carioca do ano anterior. A partida preliminar de futebol feminino, importou as equipes cariocas do Sport Club Brasileiro e do Cassino do Realengo. O jogo foi vencido pelo Brasileiro, por 2 a 0. A realização da partida criou polêmica na imprensa e na sociedade paulistana, com apoiadores e críticos em relação à prática do futebol entre as mulheres, vejamos algumas das matérias publicadas sobre o jogo em três dias consecutivos:



CORREIO PAULISTANO — Sexta-feira, 17 de Maio de 1940

O futebol paulista assignala, hoje, uma grande novidade:

Uma partida entre quadros femininos como preliminar do jogo S. PAULO-FLAMENGO

AO CORRER DA PENNA...

Salathiel CAMPOS

EXPORTE

O novo confronto nocturno de hoje no Estadio Municipal

Os tricolores estão confiantes na sua actuação desta noite — Reina nesta capital grande enthusiasmo pela partida preliminar, entre quadros femininos — Providencias do São Paulo — Varias

Imagem 1: Hoje, uma grande novidade. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 17 de maio de 1940.

O jornal *Correio Paulistano*, considera que "reina nesta capital grande enthusiasmo pela partida preliminar entre os quadros femininos",[3] na matéria do dia 17 de maio de 1940, data da partida. A chamada da matéria que encabeça a sessão de esportes do periódico, dando certo protagonismo ao jogo, uma vez que atenta para o fato de que quem é o protagonista é o futebol paulista, mesmo que "a novidade" seja uma partida de futebol feminino, ele ainda é uma "preliminar do jogo S. PAULO-FLAMENGO",[4] colocando maior importância ao confronto masculino, inscrito em caixa alta. Na mesma edição, encontramos outros detalhes

[3] CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade, 17/05/1940.
[4] CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade, 17/05/1940.

sobre o ineditismo e do fato de serem duas equipes cariocas, que já se enfrentaram outras vezes, com certa rivalidade:



QUADROS FEMININOS REALIZARÃO A PRELIMINAR

Como não podia deixar de ser, a nota de attracção da noitada futebolistica de hoje é a partida entre quadros femininos, que constitue para São Paulo um espectaculo inédito.

OUVINDO VARIAS INTEGRANTES NO RIO

RIO, 16 (Da nossa succursal, via Vasp) — Hoje pela manhã, na estação de Francisco Sá, ouvimos alguns elementos da delegação do futebol feminino, pouco antes da partida para São Paulo.

Adyragram, do S. C. Brasileiro e Targina, center-half do Casino do Realengo, figuras interessantes da embaixada, mostravam-se muito satisfeitos com a excursão e afiançavam que o publico paulista terá optima impressão do jogo que vão realizar.

As duas equipes segundo as nossas informantes são as melhores do Rio e de maior rivalidade tanto assim cada qual já derrotou a outra apenas uma vez e pela contagem de 2x0, sendo as demais pelejas representadas por empates.

Imagem 2: Equipes cariocas, em destaque.
Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 de maio de 1940.

Observemos que o jornal dá pequeno espaço para que Adyragram e Targina, jogadoras, respectivamente do S. C. Brasileiro e Cassino do Realengo, deem sua opinião sobre a expectativa para o jogo, mesmo que a fala seja, generalista e indireta, pois para o jornal "mostraram-se muito satisfeitos com a excursão e afiançavam que o público paulista terá optima impressão do jogo que vão realizar".[5] O uso do verbo impessoal, muito utilizado pela imprensa da época silencia as personagens centrais da matéria. Ao menos temos seus nomes descritos, algo incomum, pois na maior parte das referências ao jogo, não encontramos, nem a escalação, nem as autoras dos gols, por exemplo. Esse periódico, possivelmente, pelo fato de o jogo ser noturno, no dia seguinte ao jogo não apresenta nenhuma matéria sobre as duas partidas, que terá cobertura jornalística mais detalhada no dia 19. No dia 18 de maio, encontramos notícia do jogo, na edição da Folha da Manhã:

[5] CORREIO PAULISTANO, O futebol paulista assinala, hoje, uma grande novidade. 17/05/1940.

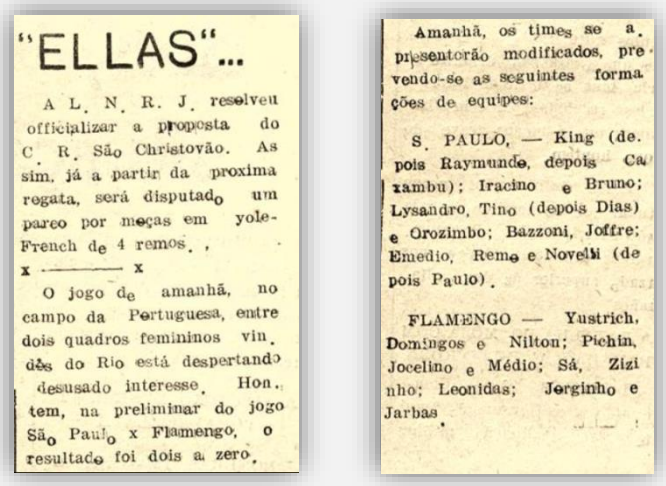


Novamente derrotado o S. Paulo por 2 a 0

Actuando com inexcedivel enthusiasmo e movimentação, o S. Paulo proporcionou ao publico um espectaculo como poucos, não superando, contudo, a technica do Flamengo — Castilho e Sá, já no desconto do tempo, os autores dos tentos — Agradou sobremaneira o futebol feminino, que terminou com a victoria do Brasileiro, tambem por 2 a 0 — 160:000$000, a renda

Imagem 3: Agradou sobremaneira o futebol feminino
Fonte: Folha da Manhã (SP), 18 de maio de 1940.

Notemos que o periódico dá mais visibilidade para o jogo masculino, destacando a derrota do S. Paulo, que realizou a partida principal contra o Flamengo, do que a partida feminina, a qual recebe a seguinte nota: "agradou sobremaneira o futebol feminino".[6] Quando vamos a outros jornais encontramos apenas a referência à partida masculina, ou como ocorreu com o *Correio da Tarde* (SP) e o *Diário de Notícias* (RJ), em que temos uma mescla das duas partidas, observem o primeiro jornal:



"ELLAS"...

A L. N. R. J. resolveu officializar a proposta do C. R. São Christovão. Assim, já a partir da proxima regata, será disputado um pareo por meças em yole-French de 4 remos.

x ——— x

O jogo de amanhã, no campo da Portuguesa, entre dois quadros femininos vindos do Rio está despertando desusado interesse. Hontem, na preliminar do jogo São Paulo x Flamengo, o resultado foi dois a zero.

Amanhã, os times se apresentarão modificados, prevendo-se as seguintes formações de equipes:

S. PAULO, — King (depois Raymundo, depois Cazambu); Iracino e Bruno; Lysandro, Tino (depois Dias) e Orozimbo; Bazzoni, Joffre; Emedio, Remo e Novelli (depois Paulo).

FLAMENGO — Yustrich, Domingos e Nilton; Pichin, Jocelino e Médio; Sá, Zizinho; Leonidas; Jerginho e Jarbas.

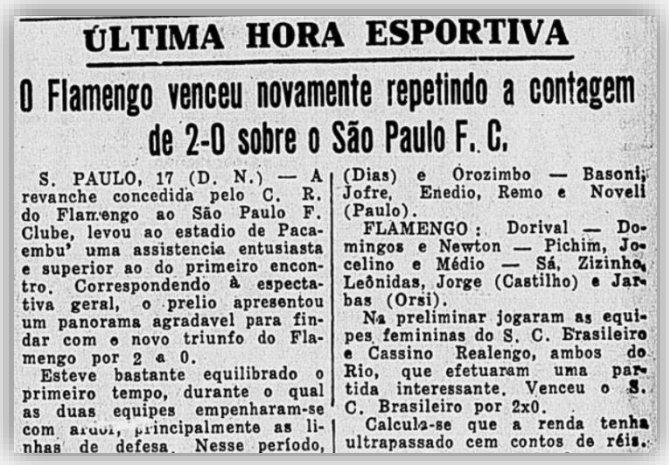
Imagem 4: "ELLAS"... Fonte: *Correio da Tarde* (SP), 18 maio 1940.

Esse recorte possui o título "ELLAS"..., inicia com uma nota sobre a presença feminina na regata pelo C. R, São Christovão. Em seguida, temos a notícia do futebol feminino, fazendo alusão ao jogo que ocorrerá no dia (19/05/1940), em Santos, no campo da Portuguesa Santista, que "está despontando desusado interesse".[7] Em seguida, a nota retoma o resultado do jogo anterior, realizado em

[6] FOLHA DA MANHÃ. Novamente derrotado o S. Paulo por 2 a 0. 18/05/1940.
[7] CORREIO DA TARDE. "ELLAS"... 18/05/1940.

São Paulo, no Pacaembu. Após informar o placar de 2x0, temos a informação que outro jogo que ocorrerá no dia 19, mas curiosamente, encontramos a escalação dos times do São Paulo e do Flamengo, deixando de lado a notícia do futebol feminino, sem sequer informar o nome dos clubes femininos que realizaram ou realizarão a partida. O resultado do jogo masculino foi o mesmo do feminino, o Brasileiro venceu o Realengo, ambos clubes vindos do Rio de Janeiro. Denotando que em São Paulo, não havia equipes femininas e que o jogo foi promovido para incentivar a prática do esporte entre mulheres.

Vejamos como o *Diário de Notícias* (RJ), periódico de grande circulação na capital federal noticia a partida masculina e destina um parágrafo para o jogo feminino:



ÚLTIMA HORA ESPORTIVA

O Flamengo venceu novamente repetindo a contagem de 2-0 sobre o São Paulo F. C.

S. PAULO, 17 (D. N.) — A revanche concedida pelo C. R. do Flamengo ao São Paulo F. Clube, levou ao estadio de Pacaembu' uma assistencia entusiasta e superior ao do primeiro encontro. Correspondendo à espectativa geral, o prelio apresentou um panorama agradavel para findar com o novo triunfo do Flamengo por 2 a 0.

Esteve bastante equilibrado o primeiro tempo, durante o qual as duas equipes empenharam-se com ardor, principalmente as linhas de defesa. Nesse período, (Dias) e Orozimbo — Basoni, Jofre, Enedio, Remo e Noveli (Paulo).

FLAMENGO: Dorival — Domingos e Newton — Pichim, Jocelino e Médio — Sá, Zizinho, Leônidas, Jorge (Castilho) e Jarbas (Orsi).

Na preliminar jogaram as equipes femininas do S. C. Brasileiro e Cassino Realengo, ambos do Rio, que efetuaram uma partida interessante. Venceu o S. C. Brasileiro por 2x0.

Calcula-se que a renda tenha ultrapassado cem contos de réis.

Imagem 5: Na preliminar jogaram as equipes femininas.
Fonte: *Correio da Tarde* (SP), 18 maio 1940.

Vemos que a notícia divulgada se refere ao jogo masculino, desta vez, temos no final da matéria a informação de que "Na preliminar jogaram as equipes femininas do S. C. Brasileiro e Cassino Realengo, ambos do Rio, que efetuaram uma partida interessante. Venceu o S. C. Brasileiro por 2x0".[8] Neste caso, temos a descrição do nome dos clubes, mas sem análise ou adjetivações sobre a partida, como será realizado pelo *Correio Paulistano*, que tem um projeto editorial que se detém a tecer análises sobre as partidas.

Ao lermos a edição do *Correio Paulistano*, de 19 de maio, vemos uma posição secundária ao jogo feminino, essa não é a notícia principal, mas também

[8] CORREIO DA TARDE. O Flamengo venceu novamente repetindo a contagem de 2-0 sobre o S. Paulo F. C. 18/05/1940.

não se trata de uma nota, quase invisível como em outros jornais. Curiosamente, como vimos em vários jornais e diversas matérias, a cobertura dada ao jogo se encontra em duas páginas distintas. Na página 16, primeira parte da notícia, temos um texto que mostra o debate sobre a prática do futebol entre mulheres, mas sem muitos detalhes:

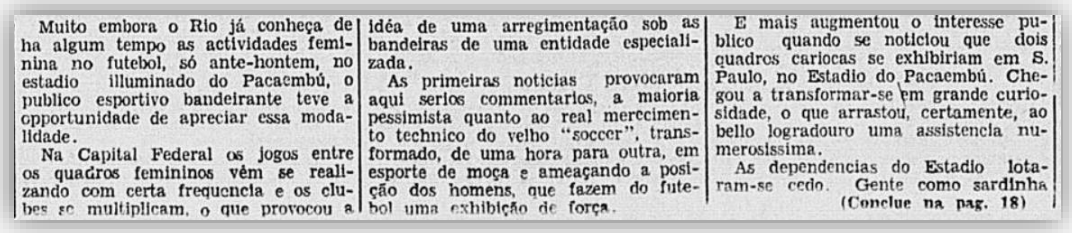


S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino

O INTERESSE QUE ESSA NOVIDADE DESPERTOU — UM FUTEBOL DE TECHNICA APRECIAVEL — JOGADORAS DE BONS RECURSOS — CONSEGUIRA' FIRMAR-SE EM NOSSO PAIZ O FUTEBOL FEMININO? — OUTRAS NOTAS

Imagem 6: Pela primeira vez. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 de maio de 1940.

Ao lermos o subtítulo: "conseguirá firmar-se em nosso paiz o futebol feminino?", vemos a ressalva do jornal sobre o evento, mesmo que no texto encontremos diversos elogios à técnica e capacidade das moças (sem referi-las como atletas), mas isso poderia significar a quebra da soberania masculina nas quatro linhas. Desse modo, mantém-se a interrogação e a matéria explica o porquê da dúvida, já que seria essa a primeira vez que São Paulo teria contato com o futebol feminino.



Muito embora o Rio já conheça de ha algum tempo as actividades feminina no futebol, só ante-hontem, no estadio illuminado do Pacaembú, o publico esportivo bandeirante teve a opportunidade de apreciar essa modalidade.

Na Capital Federal os jogos entre os quadros femininos vêm se realizando com certa frequencia e os clubes se multiplicam, o que provocou a idéa de uma arregimentação sob as bandeiras de uma entidade especializada.

As primeiras noticias provocaram aqui serios commentarios, a maioria pessimista quanto ao real merecimento technico do velho "soccer", transformado, de uma hora para outra, em esporte de moça e ameaçando a posição dos homens, que fazem do futebol uma exhibição de força.

E mais augmentou o interesse publico quando se noticiou que dois quadros cariocas se exhibiriam em S. Paulo, no Estadio do Pacaembú. Chegou a transformar-se em grande curiosidade, o que arrastou, certamente, ao bello logradouro uma assistencia numerosissima.

As dependencias do Estadio lotaram-se cedo. Gente como sardinha

(Conclue na pag. 18)

Imagem 7: Pela primeira vez, detalhes. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 maio 1940.

O periódico faz uma comparação sobre o conflito em torno da prática do futebol entre mulheres, pois: "As primeiras notícias provocaram aqui serios commentarios, a maioria pessimista quanto ao real merecimento technico do velho 'soccer', transformado, de uma hora para outra, em esporte de moça e ameaçando a posição dos homens".[9] A noção de merecimento feminino, revela que a matéria opta por relegar o feminino a conceção e não a conquista e sua capacidade técnica,

[9] CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

evidenciando o quanto a presença de mulheres no futebol é preocupante para alguns setores da sociedade, a matéria continua a seguir:



S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino

(Conclusão da pag. 16)

enlatada. Super-lotação. Grande expectativa.

Veio o jogo e com elle o publico se surprecendeu. Pensava-se, — e isso era natural, que fosse uma partida morosa e sem orientação. Um grupo de moças correndo atrás da bola e depois, para finalizar, o cansaço geral.

Nada disso se deu. A indumentaria usada é muito mais leve que a dos homens. Nada de chuteiras cheias de prego e travões, joelheiras, tornozelheiras e canelleiras. Tudo simples. Os sapatos são leves, de couro e sola mista, usados para ser empregados na gramma sem o perigo de escorregar. A bola, como as de cestobol.

Evidenciou-se que o padrão já usados por ellas é apreciavel. Observam bem os regulamentos e sabem manter as suas collocações com intelligencia: passam e marcam bem. Apenas nas fintas ainda lhes falta um dominio mais seguro da pelota, deixando-a adeantar-se muito, dando azo a que os adversarios possam arrebatal-as com mais facilidade.

Algumas das jogadoras demonstraram grande aproveitamento do futebol e se destacam como valores reaes. Elementos que, comparativos com os homens, poderiam jogar em segundo quadro...

Ahi está o que vimos ante-hontem, no Estadio do Pacaembú. Um jogo movimentado, vivo, e com bons predicados technicos entre moças enthusiasticas e intelligentes.

Naturalmente que o futebol tem sido, além do mais, um esporte de sexo. Suas caracteristicas o fixam como jogo violento, que as condições biologicas da mulher não supportam. Ha, mesmo, os que já estejam combatendo essa pratica, armados desses preconceitos medicos e organicos, talvez sem um mais profundo exame á luz de novas theorias da sciencia.

Entretanto, ha os que ponderam varios factores favoraveis para o desenvolvimento do futebol feminino: a sua adaptação ás condições biologicas da mulher, como se faz com o cestobol, por exemplo. E surgindo uma regulamentação adequada poderiam ellas tambem praticar esse esporte.

Devemos ainda frisar que no proprio futebol masculino ha uma grande tendencia para escoimal-o da violencia, como se vê com a alteração dos regulamentos na parte que trata da defesa do guardião, que hoje em dia não pode soffrer entrada dos adversarios, talqual se dava em outros tempos.

Parece que numeroso grupo de esportistas estuda o assumpto e parece ter encontrado a solução definitiva para essa pratica, e se isso acontecer será um desastre para os nosos jogadores, cuja technica continúa ainda em plano muito inferior ao padrão já alcançado pelo futebol brasileiro.

Imagem 7: continua, o pela primeira vez. Fonte: *Correio Paulistano* (SP) de 19 maio 1940.

Observemos que o jornal reproduz uma ideia equivocada sobre o que seria encontrado pelo público na partida feminina, para eles, por se tratar de um jogo entre mulheres "Pensava-se – e isso era natural, que fosse uma partida morosa e sem orientação. Um grupo de moças correndo atrás de uma bola, e depois, para finalizar, o cansaço geral".[10] Esse o horizonte de expectativa reforça o preconceito em relação à competência feminina, pois sabemos que as partidas morosas e sem muita emoção, sem jogadas bem articuladas, estão presentes com frequência em partidas do futebol masculino e isso não é atribuído à "natureza" masculina. Mas essa perspectiva será quebrada quando em seguida temos a constatação de que "Nada disso se deu".[11] A notícia passa a tecer elogios para com as atletas e a partida, sem deixar de lado o conflito produzido pela presença das mulheres em

[10] CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.
[11] CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

campo, já que o futebol traz à tona o preconceito de gênero, vejamos a passagem em destaque da matéria, que acentua tal debate:

> Naturalmente que o futebol tem sido, além do mais, um esporte de sexo. Suas características o fixam como jogo violento, que as condições biológicas da mulher não supportam. Há mesmo os que já estejam combatendo essa prática, armados desses preconceitos médicos e orgânicos, talvez sem um mais profundo exame à luz de nova theoria da sciencia.
>
> Entretanto, há os que ponderam vários factores favoráveis para o desenvolvimento do futebol feminino: as suas adaptações às condições biológicas da mulher, como se faz com o cestobol, por exemplo. E surgindo uma regulamentação adequada poderiam elas também praticar esse esporte.[12]

O contraste das posições entre defensores e críticos do futebol feminino parece que está no desafio da criação de uma regulamentação própria para o futebol feminino, mas o artigo finaliza sua reflexão tendenciosa, pois considera, que a solução, "será um desastre para os nossos jogadores".[13] O jornal apesar de apresentar entusiasmo quanto ao jogo e o crescimento do futebol feminino, apresenta-se cuidadoso na elaboração da matéria, aglutinando a notícia e análise do evento, refletindo seus efeitos na sociedade.



"UM DISPARATE SPORTIVO QUE NÃO DEVE PROSEGUIR"

Em carta dirigida ao presidente Getulio Vargas, o sr. José Fugeira mostra os perigos que o football pode acarretar ao organismo feminino e pede providencias para que se refreie o movimento que se alastra rapidamente, empolgando centenas de jovens

Imagem 8: Um Dispare. Fonte: *Diário da Noite* (RJ) de 07 maio 1940.

O debate foi tão intenso, que culminou no decreto-lei 3.199, fomentado por inúmeras matérias destinadas a frear o desenvolvimento do futebol feminino, como a famosa carta de José Fugeira ao Presidente Getúlio Vargas:

Na carta, encontramos os mesmos argumentos médicos e a preocupação com a violência que percorre a prática do futebol por mulheres, que sabemos ter

[12] CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.
[13] CORREIO PAULISTANO. S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino. 19/05/1940.

sido a justificativa central da proibição do futebol durante mais de 40 anos. A carta é reproduzida no periódico carioca na íntegra, e endereçada à Getúlio Vargas. Nela, José Fugeira, mesmo admitindo não "dispor das credenciaes de qualquer autoridade educacional ou scientifica",[14] tece as justificativas médicas para se proibir a prática do futebol entre mulheres:

> Refiro-me Sr. Presidente, ao movimento enthusiasta que está empolgando centenas de moças, attraindo-as para se transformarem em jogadoras de football, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse sport violento, sem afectar, seriamente, o equilíbrio physiologico das suas funcções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a "ser mãe".[15]

O futebol, como qualquer outro esporte ou congregação social, produz e reproduz vários mitos. Nesta notícia, o mito da fragilidade feminina ganha evidência, como, ampliada a importância dada à maternidade, que, muitas vezes, torna-se a justificativa para impedir que mulheres se dediquem a diversos esportes, mas acreditamos que no fundo a carta e as diversas matérias querem manter a hegemonia masculina, já que o futebol, por ser violento, seria admitido apenas entre homens, mesmo que a matéria do *Correio Paulistano* admita que "Devemos ainda frisar que no próprio futebol masculino há uma grande tendência a escolmal-o (sic) da violência".[16]

A carta endereçada ao presidente e ao ministério foi publicada, alguns dias antes da realização do primeiro jogo de futebol feminino em São Paulo, o que denota que o debate vinha sendo construído, por conta da atuação das equipes femininas na capital federal. Mas após os jogos realizados em São Paulo e em Santos, identificamos a notícia sobre um caso de proibições de partidas de futebol feminino. A notícia circulou no periódico *A Batalha*, do Rio de Janeiro, vejamos a seguir:

[14] DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.
[15] DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.
[16] DIÁRIO DA NOITE. Um disparate esportivo que não deve prosseguir. 07/05/1940.



IMPEDIDO PELA POLICIA O FUTE-BOL FEMININO

Ordem e organização, os imperativos exigidos pelas nossas autoridades, para a realização das partidas — entre moças —

O futebol feminino, ora praticado nesta capital, onde já alcançou rápido desenvolvimento, têm merecido nestes últimos dias, a atenção das nossas autoridades, encarregadas de salvaguardar os interesses públicos.

E de fato, a inovação veio atrair os esportistas, porem, com o seu crescente progresso, surgiram gremios clandestinos sem licença policial, vinham exibindo equipes de moças, dando motivo a que um ramo de negocio fosse inescrupulosamente explorado por máos esportistas.

Sabedor da desorganização reinante e das falhas prejudiciais, o dr. Dulcidio Gonçalves, 2.º delegado auxiliar, providenciou para que não seja mais permitida nesta capital a realização de partidas de futebol feminino.

Estamos certos porem, desde que a ordem e organização imperem e sejam cumpridos os requisitos indispensaveis exigidos pela Policia Civil, o futebol feminino venha novamente a continuar o surto progressista que o tem caracterisado.

UMA PORTARIA PROIBITIVA — IMPEDIDA A REALIZAÇÃO DE UM JOGO

Uma portaria energica foi baixada pelo dr. Dulcidio Gonçalves, 2.º delegado auxiliar, proibindo jogos de futebol feminino.

Ante ontem cumprindo as determinações constantes daquela portaria, o comissario Átila impediu a realização de uma partida, que se achava programada no festival realizado no Campo do Oposição. Esse prelio seria disputado no final da festa, ntr osEANNoN juntos femininos do Primavera e Oposição.

Imagem 9: Impedido pela polícia. Fonte: *A Batalha* (RJ), de 23 jun. 1940.

A justificativa da proibição das partidas na cidade do Rio de Janeiro está amparado pela falta de uma legislação adequada e regras específicas, mas o que percebemos é que mais uma vez os discursos conservadores e as práticas autoritárias é que determinam a proibição, a ilegalidade foi determinada, pelo fato de "surgiram gremios clandestinos, sem licença policial, vinham exibindo equipes de moças, dando motivo a que um ramo de negócio fosse inescrupulosamente explorado por maos (sic) esportistas".[17]

No futebol esses mitos são bastante produtivos, uma vez que a ideia de feminino e da feminilidade, em vários momentos são atrelados ao erro, a fraqueza e a ante-desportividade no futebol. Um desses mitos recai sobre a expressão de "salto alto", que tem sido usado para determinar a soberba e o excesso de confiança. Mas o "salto alto" não é uma construção para o feminino. Ao "cair do

[17] A BATALHA. Impedido pela polícia o futebol feminino, 23/05/1940.

salto", temos a representação de um time, que acredita ser superior ao outro, e, quando usam salto à Luís XV, está passivo de cair.

Sim, a referência não seria ao feminino, mas aos reis franceses do século XVII, Luís XIV, que foi quem introduziu os saltos e o transformou em sinônimo de requinte fazendo com que a peça passasse a ser vista como um item da nobreza. Mas quem imortalizou o salto, foi seu sucessor Luís XV, ao ponto de, até hoje, conhecermos o famoso salto à Luís XV, que se tornou um modelo de elegância e nobreza quando nos referimos a sapatos altos.

Essa referência a queda de salto circula no meio futebolístico com vários índices de que a queda só acontece devido o clube desprezar o outro, na altivez produzida pelos saltos altos. Apesar de hoje os saltos estejam atrelados ao vestuário feminino ele representa a demarcação do território masculino, que de certo modo busca afastar o feminino do esporte.

Mas o que dizer da escrita feminina na contística produzida sobre o futebol? Quais as particularidades de seus textos em uma coletânea sobre o futebol? Foi nessa pegada na lateral do campo, pelas beiradas que resolvemos investigar essa coletânea de contos publicada no Brasil. A seguir temos uma breve descrição de cada um dos contos a serem analisados.

* * *

Te descobres vivo sob um jogo novo.
Te ordenas. E eu deliquescida: amor, amor,
Antes do muro, antes da terra, devo
Devo gritar a minha palavra, uma encantada
Ilharga.

Hilda Hilst[18]

O primeiro texto é o de Hilda Hilst, que colaborou com o, até então, inédito "Aguenta coração". Uma prosa poético-político-sexual, em que um narrador dá conselhos para seu interlocutor, como um locutor de futebol que segue uma jogada a caminho do gol. O artilheiro é o leitor! A bola é a protagonista do lance! Uma bola metamorfoseada, ora representa ela mesma, a pelota em jogo, ora se torna uma

[18] HILST. *Da poesia*, p. 227.

glande, ora se reverte na imagem do então candidato à presidência da república Luís Inácio Lula da Silva. A narração, locução de Hilst, se reveste da dubiedade no contraste com as jogadas no campo de futebol, pois estamos o tempo todo falando do corpo sensualizado, pois usamos o peito, as coxas, a cabeça, os pés, mas também, construções inusitadas, como uma bola-cabeça, uma bola-matriz, uma bola-vida, uma besta-bola, as quais se revertem no caminho do prazer e do nirvana, fincado no desejo de eleger Lula, golear, vencer!

O segundo texto que iremos analisar é "Escanteio", de Anna Maria Martins, que publicou anteriormente no seu livro de contos *Katmandu,* de 1983. O conto oscila entre a voz do narrador onisciente e a voz da protagonista, uma senhora viúva, que percebe que se encontra em momento bem distinto de netos, que estão assistindo a um jogo da seleção brasileira na copa do mundo. No começo questiona como os torcedores são barulhentos no Brasil e como esses ruídos são ao mesmo tempo uma expressão dos silêncios que permeiam o cotidiano de um período sombrio, a ditadura civil-militar brasileira. Não há marca exata da temporalidade, mas o conflito existente sobre o desejo de torcer e a necessidade de rechaçar a possibilidade de vencer a copa e legitimar mais ainda os governos ditatoriais no Cone Sul, nos leva a cogitar que se trataria da copa de 78 na Argentina, período que Jorge Mendonça foi titular da seleção. O conflito se estende às interioridades da protagonista (sem nome) que reflete sobre como aquele momento do país revelava o apagamento da figura da mulher, que aos poucos foi anulada, posta de escanteio. A protagonista se choca ao ouvir um diálogo entre seu neto e um amigo, no intervalo do jogo, sobre situações de extrema violência contra um conhecido dos jovens, duramente torturado, o que leva a crer que os jovens estão envolvidos com os grupos de resistência à ditadura civil-militar brasileira. Só, na cozinha, após as comemorações do primeiro gol da seleção brasileira, resta a velha senhora a melancolia e desalento por conta da solidão, da ausência do marido e dos problemas recorrentes do futebol: "com certeza hoje não vai ter novela outra vez".[19]

O terceiro conto que vamos analisar se chama "Que horas são?", de Edla Van Steen, publicado a primeira vez no livro *Até sempre*, de 1985. O conto trata de um

[19] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.

problema recorrente na história do futebol, como os craques e revelações do esporte com o passar do tempo entram no esquecimento, seja por conta de um empresário mal-intencionado, seja por conta de uma lesão, seja por não gerencia do seu patrimônio e dos ganhos que o futebol proporciona. O conto narra a história de abandono de Edu, uma revelação do futebol brasileiro que não se concretizou, primeiro, por não ter sido convocado para a copa 1950, depois por conta de uma lesão no joelho, que interrompeu sua carreira, levando-o ao esquecimento e ao alcoolismo. A narrativa fica entre idas e vindas do passado de Edu, que obriga Rosa de Carli a abandonar a carreira de atriz no teatro de revista, para ser sua esposa, o que revela também, as frustrações de Rosa Carli diante do aceite da imposição de seu marido. O conto aproxima dois tempos memoráveis do futebol brasileiro, a copa de 1950, início da derrocada de Edu e a copa de 1978, quando morre em um ataque cardíaco bem na hora do Hino Nacional.

As escolhas das três escritoras têm pontos em comum e particularidades que nos levam a pensar como as copas do mundo tem forte influência na vida social e na relação de homens e mulheres com o futebol. Hilda Hilst ao titular seu conto com a "Aguenta coração", remete ao bordão de Fiori Gigliotti, um dos mais renomados locutores esportivos de rádio, na história do futebol brasileiro, que deixou frases memoráveis repetidas diversas vezes em transmissões de futebol, "eternizando bordões como 'Abrem-se as cortinas, começa o espetáculo'; 'crepúsculo de partida...'; 'é fogo, torcida brasileira'; 'balão subindo, balão descendo'; 'o tempo passa".[20] O título de Hilst traz consigo a atmosfera das grandes jogadas a caminho do gol. A memória desse locutor fica tênue no texto da escritora, que nos remete a necessidade de fazer articulações do futebol com a política e com os jogos corporais das insinuações sexuais, uma memória pouco acessada, mas de grande importância, pois o texto é construído quase sem interrupções em um único parágrafo, como se quisesse trazer à tona toda emoção das locuções de jogos pelo rádio, com paradas de interlocução com o espectador, a seguir reproduzo o texto na íntegra:

[20] MUSEU DO FUTEBOL. Fiori Gigliotti, S/P.

> Olha, tenta: segura a bola e alisa, transfere, vagueia, como se a bola tivesse a lisura de uma boa cabeça, isso, pensa a cabeça do Lula, metalurgia lanosa, alisa agora bigodes, pradaria, encosta a bola na coxa, concentra, goza, não era um assim que você sempre queria? Segura aproximando, te cola, a cabeça entre os peitos, teus dois redondos e esse terceiro doce lubrico veemente, respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas, nos fundos alagados, cala, sofre a bola, pensa no perfeito de toda redondez, ama essa forma, lambe, respira mais fundo, mais, dá um tempo, conhece o reverso agora, os avessos, o reverso é a cabeça dos reis, escurece o gesto, pisoteia, pensa em todas as cabeças de fúria na fúria do teu pé, chuta curto pesado duro, pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro, no manso-melado que se fez teu ser, na cuspida de tantos sobre a tua vida, odeia, agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida trajetória, ponta de aço teu pé, liso cortante esse teu chute vai separar dente e raiz, pensa o redondo triturando o agudo de tudo, uma bola-matriz triturando farpas botas, esmaga com teu chute o rubro lucro das multi-irracionais, traz a bola de volta, leve líquida é apenas uma bola entre os teus pés, sobe sobre ela, sobre a vida, equilibra-te no ilimitado tenso, no lívido gramado, a bola-vida, a besta-bola, escuta os urros, patina sobre os escarros, desacertos ainda, como vês, mas de novo amor intenso como no início do relato, Lula de pé luzindo metálico sobre o gramado, respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.[21]

Observamos uma complexidade narrativa que diferencia o texto de Hilda Hilst, dos demais autores da coletânea, a escritora trabalha com jogos metafóricos no texto que fazem com que tenhamos muita atenção na leitura do conto, pois articula três paixões diferentes, mas aqui bastante articuladas: o futebol, o prazer sexual e a política da época, marcada por críticas ao capitalismo e a forma como o Brasil discute sua trajetória social.

O primeiro plano sígnico nos faz acompanhar uma jogada, em uma partida de futebol, quando um jogador:

> [...] olha, tenta e segura a bola [...] respira mais fundo [...] chuta curto pesado duro [...] agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida trajetória, ponta de aço teu pé, liso cortante esse teu chute [...] traz a bola de volta, leve líquida é apenas uma bola entre os teus pés [...] respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.[22]

[21] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.
[22] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.

A remontagem que proponho busca evidenciar o jogo multimodal e fragmentário proposto pela escrita de Hilst, como forma de problematizar o jogo de futebol e mostrar outras perspectivas, que envolve o prazer, fica em segunda e terceiras instância interpretativas as relações com o desejo sexual e as reflexões políticas, talvez, a questão erótica e sexual esteja em primeiro plano, já que há muito mais elementos que remetem a este caminho interpretativo do que os que revelam o futebol e a política. Nesse sentido, a escrita da autora se faz resistente, como prenuncia Tânia Sarmento-Pantoja, em *Resistência como desvio*, pois

> [...] ao pensar o desvio como fundamento para a resistência minha inspiração mais próxima é Walter Benjamin, particularmente a ideia em Benjamin de que é necessário buscar as repetições ou tradições e assim tocar a falsa totalidade da obra, com vistas a identificar uma singularidade, que pode ser ao mesmo tempo um desvio [...] essa obra arrasta em forma de cadeias de resíduos, de ruínas, outras repetições, seja um cânone estético, seja uma moral estanque, seja um paradigma autoritário, seja uma forma de dar a ver o outro... enfim, lá onde um objeto mostra um desvio – ou ele própria comporta um desvio – ao deixar de replicar a herança, a repetição, o comum, o ordinário, o desconhecimento, lá está a resistência".[23]

A resistência desviante na escrita de Hilst se configura no encontro com sua estética questionadora, uma repetição de seu projeto que busca da conta e dar a ver um outro sentido às experiências. Se a paixão pelo futebol é marcante, a quebra desse horizonte de expectativas sobre uma narrativa de futebol norteia o que Alfredo Bosi (2002) chama de resistência imanente, pois o desejo de desviar o olhar, para produzir outros sentidos é marcante na leitura do tempo histórico e na metamorfização do corpo, que se mistura e se hibridiza na escrita de Hilda Hilst:

> [...] segura a bola e alisa [...] como se a bola tivesse a lisura de uma boa cabeça [...] encosta a bola na coxa, concentra, goza, não era um assim que você sempre queria? Segura aproximando, te cola, a cabeça entre os peitos, teus dois redondos e esse terceiro doce lubrico veemente, respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas, nos fundos alagados, cala, sofre a bola, pensa no perfeito de toda redondez, ama essa forma, lambe, respira mais fundo [...] pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro, no manso-melado que se fez teu ser, na cuspida de tantos sobre a tua vida, odeia, agora vai devagar rondando, rondando a bola, e ao teu redor avalia, avalia sob os pés de quem essa bola-cabeça vai cumprir exata tua lúdica escondida

[23] SARMENTO-PANTOJA. Resistência como desvio, p. 172.

> trajetória [...] pensa o redondo triturando o agudo de tudo, uma bola-matriz triturando [...] a bola-vida, a besta-bola, escuta os urros, patina sobre os escarros, desacertos ainda, como vês, mas de novo amor intenso como no início do relato [...] respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.[24]

Quando refaço esteticamente o jogo sexual que Hilst, nos propõe, observo que vário textos são utilizados para dar conta dos todos os sentidos que ela propõe, como estruturas chave, que se repetem nas três esferas de reflexão, podemos marcar entre eles formas plurais como "segura a bola", que pode ser modelado pelo alisar, desejoso do prazer sexual, mas também pode retomar ao "respira mais fundo", como forma de dar ao eu-poético a função de ir além das expectativas ou das suas limitações, como ocorre na reconstrução política deste texto de Hilst, como podemos ver a seguir:

> Olha tenta: segura [...] pensa a cabeça do Lula, metalurgia lanosa, alisa agora bigodes [...] respira, engole teu discursivo, a semente das coisas ausente de fonemas [...] conhece o reverso agora, os avessos, o reverso é a cabeça dos reis, escurece o gesto, pisoteia, pensa em todas as cabeças de fúria na fúria do teu pé [...] pensa nas tiranias, no soberbo dos outros, os de escudo e couro [...] esmaga com teu chute o rubro lucro das multi-irracionais, traz a bola de volta [...] Lula de pé luzindo metálico sobre o gramado, respira fundo, mais, conserva-te inteiriça sob o arco desses pés. Goleia.[25]

As três leituras que faço desse conto me levam a reconhecer que tanto o início, quanto o fim da narrativa estariam compatíveis às três formas de ler o texto, que deságua na proposta de fazer ecoar a necessidade de evocar a consciência do leitores em relação às eleições presidenciais de 1998, em que Lula (ex-operário e ex-metalúrgico) tenta a terceira eleição para presidente e a segunda contra o liberal Fernando Henrique Cardoso, que no texto é lembrado pelo "rubro lucro das multi-irracionais",[26] já que o projeto de privatização das estatais brasileiras ia de vento em poupa e só um político, oriundo das bases trabalhadoras "pé luzindo metálico"[27] teria condições de golear, fazer com que houvesse uma mudança no placar político.

---

[24] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.
[25] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39-40.
[26] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 39.
[27] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 40.

A dimensão estética proposta por Hilda Hilst terá outros contornos no conto Anna Maria Martins, "Escanteio", toca levemente também em aspectos políticos, mas essencialmente se propõem a pensar como as pessoas mais velhas e, principalmente, as mulheres são constantemente posta para escanteio, desprezadas e invisibilizadas, seja por acomodação, seja por abandono. A escritora nos direciona a buscar as concessões no texto com o tempo histórico, pois o conto narra uma experiência de uma senhora viúva, que recebeu seus netos e os amigos do netos para assistir a uma partida de futebol, mas o que mais tensiona a relação da velha senhora com os netos é uma conversa, quase sussurrante que ela escuta:

> Entrou com a enorme bandeja, xícaras, bule, açucareiro e o indefectível adoçante, que essa gente já não põe mais açúcar em nada. Ossos à mostra e sempre com medo de engordar. Um dos rapazes afastou cinzeiros repleto de tocos, copos repletos de coca-cola, de uísque, e de uma outra bebida avermelhada que ela não identificou e abriu espaço para a bandeja. Em meio à fumaça e a escassez de luzes, tentou reconhecer as pessoas. O som dos comerciais, acrescidos das conversas, causava-lhe certo atordoamento. Procurou se concentrar no que se dizia a seu lado, em voz um tanto baixa:
>
> — ... Literalmente arrebentado. Irreconhecível.
>
> — E depois os filhos da puta se irritam quando a imagem lá fora não é tão limpinha como eles querem que seja.
>
> — Quando vi o estado em que ele ficou quase vomitei.
>
> — E os sacanas ainda têm o desplante de dizer que não existe, que é invenção da gente.
>
> — Tenho a impressão que ele não se levanta mais daquela cama.
>
> — Terrível. Seria uma perda irreparável.
>
> Afastou-se para servir o café aos que estavam na extremidade oposta da sala. Preocupada. Quem seria esse fulano que não ia mais sair da cama? Que tinha seu neto a ver com essa gente e em que estaria metido agora?[28]

A reflexão e o desejo de saber "com quem seu neto estava metido agora?" deixa evidente que o tempo da narrativa é repleto de lacunas, neste caso provocadas pelo autoritarismo de estado de uma ditadura civil-militar, que não permite que as coisas estejam dentro da normalidade. A velha senhora, protagonista do conto, não possui nome, e se posta como uma clandestina, que precisa saber o que se passa, pensando como pode proteger seu neto. A passagem deixa evidente a necessidade de desmascarar o discurso de normalidade social, que perpassa às famílias de classe média brasileira. A política de apagamento da

[28] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 50-1.

história fica evidente quando um dos jovens reflete: "E depois os filho da puta se irritam quando a imagem lá fora não é tão limpinha como eles querem que seja".[29] Mas o companheiro relatado na conversa viveu as agruras do cárcere e da tortura e sua imagem destroçada produz um misto de pesar e revolta, pois "Quando vi o estado em que ele ficou quase vomitei".[30]

O conto não se fundamenta na luta pela liberdade, ao mesmo tempo, que também o faz, pois a velha senhora pretende dessa relação se libertar de um conjunto de discursos que invisibilizam as mulheres e a colocam apenas como pessoas descartáveis, isso fica evidente em passagens como no início do conto, que ela reflete sobre sua condição de pessoa que não gosta da algazarra que o futebol produz, uma leitura de que por conta do futebol as pessoas se transformam:

> Andou a esmo pela casa. Sentia-se completamente deslocada nesse dia. Nem mesmo em seu quarto conseguia permanecer. Risadas e gritos atravessavam as paredes e a porta, foguetes pareciam escolher o teto de seu quarto para estourar. Saiu pela porta dos fundos, fez a volta pelo jardim e deu uma espiada na rua: deserta. Nenhum eventual responsável pelo foguetório.[31]

Nessa passagem, a velha senhora mostra todo o descontentamento em relação ao barulho oriundos dos festejos de uma partida de futebol, como os fogos e a gritaria pode incomodar e até fazer mal às pessoas, mas por conta de aspectos culturais, poucos são aqueles que reclamam ou questionam essa atitude, por isso, temos uma dimensão de resistência que se diferencia da resistência temática, pensada por Bosi:

> A escrita resistente (aquela opção que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um a priori ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes.[32]

Ela se fundamenta em um olhar diferenciado sobre sua existência, pois a própria condição da pessoa idosa, a torna sensível a alguns comportamentos socialmente aceitos, mas que são desconsiderados para a grande maioria das

[29] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.
[30] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 51.
[31] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 49.
[32] BOSI. Narrativa e resistência, p. 22.

pessoas. Essa forma de compreender o mundo e respeitar as particularidades é destacada no artigo "Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas", quando busco analisar tal conceito, compreendendo que nele perpassa

> [...] a ideia de debater as existências, nos possibilita entrar em contato com outras formas de compreender o mundo, a partir do olhar testemunhal, pois estamos diante "da pessoa que fala e age" (SPIVAK, 2010, p. 32). De sua história ou a história de seu grupo, seja ele ligado ao passado, ao presente ou um desejo de futuro.[33]

No caso da personagem de Anna Maria Martins, temos um incômodo em relação ao barulho intenso em dias de jogo da seleção brasileira. A autora trata dos rojões, mas esses não são as únicas ferramentas incômodas, que podem atingir, diversos grupos, há sensibilidade a sons, por parte de idosos, recém-nascidos, cachorros, crianças, pessoas autistas, entre outros. Essa forma de compreender as experiências cotidianas como uma reflexão sobre sua existência, também observamos em outra categorização sobre a resistência, que desenvolvi junto com Luana Ribeiro no artigo "Resistências clandestinas", que pontua:

> Insistir em um objetivo frente a forças alheias é uma das formas mais genuínas de resistência, segundo Bosi, nesse sentido, é possível dizer que a menina loira tinha dentro de si uma força resistente pois mesmo diante das negativas e humilhações impostas, seu desejo era tão audaz que nada era motivo para lhes dissuadir e convencer a desistir.[34]

Essa persistência em conseguir viver melhor a experiência da velhice se materializa, na lamentação do final do conto, quando a personagem diante da quebra do silêncio novamente, reflete o quanto o futebol, mas especificamente a Copa do Mundo, mexe com o cotidiano das pessoas e causa estranheza e pesar, pois para a velha senhora ela só queria ter sua vida e sua casa de volta, mas isso ainda não seria possível, pois "alguns minutos mais tarde ouviu os gritos de alegria e os rojões [...]. É, suspirou, hoje com certeza não vai ter novela outra vez".[35]

O terceiro conto que analisaremos se chama "Que horas são?", de Edla Van Steen, já pelo título vemos que o texto vai problematizar a passagem e a

[33] SARMENTO-PANTOJA. Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas, p. 152.
[34] RIBEIRO; SARMENTO-PANTOJA. Resistências Clandestinas, p. 259.
[35] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 49.

permanência do tempo. Neste conto o tempo é variável, narratologicamente temos idas e vindas no tempo, são confrontados dois momentos da história de um casal de personagens, o jogador de futebol "EDU, FUTURO ASTRO DO FUTEBOL BRASILEIRO? UM CHUTE QUE VALE OURO. E A MAIS IMPRESSIONANTE REVELAÇÃO DESDE LEÔNIDAS DA SILVA"[36] e sua namorada, que passa a ser esposa, a atriz de teatro de revista "ROSA DE CARLI ABANDONA A NOITE POR EDU. A VIDA NOTURNA PERDE UMA ESTRELA. EDU E ROSA MARIDO E MULHER".[37] Essas são inserções no conto, que expressam as manchetes sobre a vida do casal, colocadas no conto como uma citação, em caixa alta e com uma descrição, como legenda, das fotos da pseudo-reportagem.

O conto vai discutir o abandono vivido pelo casal, movido pela frustração de não ser convocado para a copa de 1950 e, depois, por uma contusão que tira Edu do futebol:

> EDU NÃO É ESCALADO. FORA DA COPA DE 50 O CHUTE DE OURO DA VILA
> ATACANTE PERDE SUA GRANDE CHANCE
> (fotos do jogador cabisbaixo / abatido/ desolado).[38]

O contraste da vida de um jogador, que um dia pode ser a grande revelação ou esperança de um clube ou uma seleção, pode se tornar uma frustração sem tamanho. O que revela a incerteza sobre o futuro, que muda completamente a vida do casal:

> Antes abraçado pela multidão e aplaudido nas manchetes dos Jornais. E agora? Agora ele se senta sozinho no sofá (as molas quebradas rangem) porque tem a mania de comer olhando a rua. Bem feito.
>
> O que seria deles, meu Deus, sem a casa? – Rosa tenta enxotar o pensamento, mudando de posição. É tudo o que resta: a casa. Uma folia danada quando compraram. Tinha gente saindo pela chaminé na inauguração. Ela se embonecou de dar gosto. Dez vestidos de uma só vez. O pessoal do teatro elogiava embasbacado. "Valeu a pena, hein, garota" Ela se exibia. "Eu também largava esta porcaria de show se encontrasse alguém que me tratasse desse jeito". Cavacos do ofício, ela argumentava, meu homem deu para andar de terno e gravata como os verdadeiros craques.[39]

O efeito gangorra pode ser visto em todas as profissões, mas quando falamos do futebol, sabemos que as expectativas sobre um jogador podem ser exorbitantes,

[36] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 99.
[37] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 100.
[38] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 102.
[39] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 100.

pois no mundo da bola, temos atletas que lutam para ganhar um salário-mínimo enquanto outros ostentam salários milionários, principalmente, se estiverem representando a seleção nacional ou em um clube de expressão. No caso do casal, a derrocada veio a cavalo, pois Rosa não tinha mais como voltar atrás, já havia firmado seu compromisso. Mas o alento seria a conquista da casa própria, que nos tempos áureos, rememorados por Rosa, lhe cobraram sua escolha, que foi defendida pelos convidados ou sua submissão, aceitando seu destino de estrela de um só homem.

> — Que horas são?
> — O arroz está no fogo. Daqui a pouco o almoço sai.
> Há dias em que a revolta é insuportável – ela se serve de pinga. Àquela altura ele deve ter enxugado umas três doses.
> Sentam-se em frente da TV, prato no colo. Ele chupa um osso de asa como se estivesse chupando o próprio joelho. Credo, que pensamento horrível. – Rosa se levanta.
> No vídeo os times entram no campo. Estádio argentino lotado. Enquanto o locutor anuncia a escalação, ela prepara mais alguns goles. Edu fixa a TV, pálido. Branco que nem vela: estaria vendo a si a se perfilar para o Hino Nacional? Um fio de baba escorre na boca e no olhar, expressão de quem já se foi.[40]

Novamente temos uma incursão pela ditadura civil-militar brasileira, mas dessa vez sem referências à resistência política, pois a trama vivida por Rosa e Edu se trata de outra forma de resistência, cotidiana, pela sobrevivência e pela permanência das memórias de um passado que não volta mais. A referência é o Estádio argentino e a nota de jornal "ENFARTE MATA EX-CRAQUE. ÍDOLO DOS ANOS 50. MORRE DE EMOÇÃO DURANTE A COPA DE 78. (sem foto)",[41] como determinação de que estamos diante dos anos de chumbo argentino, quando a ditadura utiliza a copa do mundo por eles sediada para dar um golpe final, ali metamorfoseada pela figura de Edu, que não "Aguenta coração", depois de ser posto para "Escanteio". O verdadeiro fundamento da insistente frase de Edu "Que horas são?". O descontentamento, o impôs uma necessidade de procurar no tempo futebolístico o momento exato para enceta a vida, precisa de hora marcada para a chegada da morte, sem choro, nem vela. Ora, se a notícia fala da emoção em mais

[40] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 103-104.
[41] COSTA. *Onze em campo e um banco de primeira*, p. 104.

uma vez tocar o Hino nacional, ironicamente ela revela o desalento por saber que não foi nem será campeão novamente, porque a ditadura, lhe tirou isso também.

NADA É IMPOSSÍVEL DE MUDAR

Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis como é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada, de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht.[42]

Ao nos depararmos com o poema "Nada é impossível de mudar" sentimos de perto a preocupação do poeta sobre os tempos obscuros que ele viveu e se adequa facilmente ao que propusemos neste texto sobre o conto feminino, pois discute a necessidade de ressignificar as certezas, as aparências e as trivialidades, movimento esse que coaduna com a necessidade de discutir problemas conceituais, epistemológicos e estéticos relacionados à resistência, que aqui discuto em facetas múltiplas como a resistência como desvio, a resistência com existência e a resistência clandestina. Trata-se de resistir contra o conservadorismo, contra os modelos de mulher, de mãe, de pessoa idosa. Mas ao articularmos isso tudo à relação da literatura, com a história do futebol feminino, acredito que conseguimos mostrar o quanto foi difícil para as mulheres construírem seu espaço no futebol, assim como é fundamental ler as mulheres escritoras sobre o futebol, pois com elas encontramos debates muito particulares, que denotam um olhar diferenciado, sensível e completamente antenado aos problemas e necessidades da sociedade.

O texto de Brecht nos alerta para a necessidade de resistir mesmo diante de discursos que combatem as conquistas sociais no trivial e vemos nos contos encontramos um conjunto de práticas danosas, que procuram subjugar e

[42] BRECHT. *Antologia poética*, p. 90.

instigação o ódio e a segregação de homens, mulheres, crianças, jovens e velhos, que não compreendam as pautas do conservadorismo fixada no lema de "Deus, pátria e família", análogo ao fascismo e ao integralismo deveras danosos à sociedade contemporânea, mas que vimos presente, de certa forma nos discursos segregacionistas contra as atletas de futebol, no anos 1940, mas também, no conto de Edla Van Steen, que denuncia os anos 1950, as referências aos anos 1970, novamente no texto de Edla, mas também no texto de Anna Maria Martins, e aos anos 190, no conto de Hilda Hilst.

Brecht nos faz uma súplica para que não aceitemos, resistamos aos ataques terroristas e agressores às democracias. Nesse caminho, faço coro ao pensamento brechtiano, no sentido de dar voz aos subalternizados e não aceitar o autoritarismo imposto ao povo. Sabemos que nada é impossível de mudar e só conseguiremos essas mudanças, apoiados na percepção de que temos atentos, para que as mudanças de comportamento junto aos modelos subjugadores que ainda insistem em se manter forte, porque a resistência não se dá apenas quando precisamos derrubar um governo autoritário, se dá a cada dia pois temos que resistir às diversas formas de autoritarismo e mecanismos excludentes instantes nos debate sobre memória, identidade e emancipação. Sabemos que o percurso de tais investigações podem ser motivadas pela linguagem, pelas condições de sobrevivência de grupos ou indivíduos por muito tempo subalternizados, mas que hoje também tem seu lugar e sua fala. Expressam isso de diversas formas, com variadas lutas, seja quando resistem ou persistem em seu escopo analítico, no caminho da resistência proposta por Alfredo Bosi.

Vimos neste estudo o quanto as mulheres têm demonstrado seu papel para que essas transformações continuem. Hoje temos muito mais mulheres no futebol, em lugares que antes eram impensáveis, seja nas quatro linhas, como jogadoras, juízas, treinadoras, assistentes técnicas, médicas, seja fora delas, como dirigentes, comentaristas, narradoras, escritoras, cronistas, produtoras, editoras. O certo é que temos ainda um longo caminho para resistir e mudar nossa percepção sobre a presença e a existência da mulher no futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

A BATALHA. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BOSI, A. Narrativa e resistência. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Itinerário**, Araraquara, n. 10, 1996.

BRASIL, Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm.

BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

CORREIO DA TARDE. São Paulo, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

COSTA, Flávio Moreira da; MARTINS, Anna Maria (Orgs.). **Onze em campo e um banco de primeira**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1998.

DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro. 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

FOLHA DA NOITE. São Paulo, 1940. Disponível em: http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx.

HILST, Hilda. **Da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUSEU DO FUTEBOL. Fiori Gigliotti. Disponível em: https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/507170.

SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Resistência das existências: leituras de existências femininas apagadas. **Revista Moara**, n. 61, 2022.

RIBEIRO, Luana dos Santos; SARMENTO-PANTOJA, Augusto. Resistências clandestinas. **Margens**: v. 16. n. 27, 2022. Disponível em: http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v16i27.10596.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia. Fora da caixa. Resistência como desvio. **Revista Moara**, n. 61, 2022.

* * *

Recebido em: 18 dez. 2023.
Aprovado em: 11 jun. 2024.